

**CARTA DE ALGUM LUGAR DO FUTURO: NARRATIVAS DE CUNHO
BIOGRÁFICO
ESTRATÉGIA DE GERAÇÃO DE DADOS – UMA PROPOSTA “DESENCAIXADA” E
REFLEXIVA**

*(Letter from somewhere of the future: biographical narratives
Data generation strategy - an "undocked" and reflective proposa)*

Gissele Alves¹
(Universidade de Brasília – UnB)

RESUMO

Este trabalho apresenta parte de uma proposta de investigação reflexiva, nomeadamente, a proposição de uma das estratégias de geração de dados cujo foco são as representações dos letramentos no domínio² acadêmico, bem como sua aplicação no contexto da ação formativa do “Projeto Mulheres Inspiradoras”. Desse modo, a estratégia de geração de dados, nomeada por “Carta de algum lugar do futuro” mostrou-se produtiva ao momento de avaliação daquele projeto. Assim, dado o caráter reflexivo, o objetivo da proposta é não só desvelar as representações sobre a rede de práticas do domínio acadêmico, mas também fomentar a consciência crítica sobre essas práticas e os discursos do letramento que as compõem. Destarte o trabalho ancora-se no referencial teórico-metodológico da Teoria Social do Discurso de Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), em diálogo como os Novos Estudos do Letramento (STREET, 1995), com a Consciência Linguística Crítica de Clark et al. (1996) e com as Ciências Sociais Críticas, designadamente, os estudos em Sociologia sobre a Ciência Pós-Moderna, de Santos (2008, 2011), a abordagem da “heterodoxia controlada” de Lopes (1996) e a perspectiva pós-linear de estudo de narrativas de vida de Pais (2001). Quanto à abordagem multimetodológica para a condução da pesquisa, foram adotadas a Pesquisa Qualitativa e a Pesquisa Etnográfica de cunho crítico à luz de Cameron (1992) e de Denzin e Lincoln (2006). Espera-se, com essa proposta, favorecer a consciência crítica sobre as práticas naquele e naquele domínio e os discursos do letramento a fim de fomentar a construção de interconhecimentos e favorecer a agência criativa de pesquisadores, professores e estudantes.

Palavras-chave: *Narrativa biográfica. Geração de dados desencaixada. Pesquisa reflexiva. Letramentos. Análise de Discurso Crítica. Ciência Pós-Moderna.*

ABSTRACT

This paper presents a part of a reflexive research proposal, namely, a strategy of data generation that focuses on the representations of literacies in the academic field, as well as its application in the context of the formative action of the "Projeto Mulheres Inspiradoras". Thus, the strategy of data generation, named "Letter from somewhere in the future", proved to be productive at the event of evaluation of that project. Therefore, the object of the proposal is not only to reveal the representations about the network of practices of the academy, but also to foster a critical awareness of these practices and the literacy that compose them. Thus,

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília/UnB – Brasil; mestre em Linguística também pela Universidade de Brasília/UnB. Docente do Instituto Federal de Brasília/IFB – Brasil. É membro do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília –NELIS/CEAM/UnB e do grupos de pesquisas: Identidades na pós-modernidade, autoria criativa e consciência linguística crítica: estudos em Análise de Discurso Crítica PPGL/Unb e Linguagem e Práticas Sociais CSSB/IFB e sócia da Associação Latinoamericana de Estudos do Discurso/ALED. Pesquisa em Análise de Discurso Crítica e Novos Estudos do Letramento com foco em construções identificacionais, representações discursivas, discursos do letramento, educação superior e juventudes.

² Domínios são espaços sociais, são contextos padronizados e estruturados, nos quais diferentes letramentos são usados e aprendidos, conforme Barton, Hamilton e Ivanic (2000, p. 11). A este trabalho importa, em especial, o domínio acadêmico, entendido como o espaço social, por excelência, dos usos e dos processos formais, ou se preferirmos, processos padronizados e estruturados, de aprendizagem dos letramentos dominantes.

the theoretical-methodological framework is composed of The Social Theory of Speech of Fairclough (2001, 2003) and Chouliaraki and Fairclough (1999); the New Literature Studies of Street (1995); Critical Linguistic Consciousness of Clark et al. (1996) and the Critical Social Sciences, namely, the studies in Sociology on Postmodern Science of Santos (2008, 2011), the "controlled heterodoxy" approach of Lopes (1996) and the post-linear perspective of analysis of life narratives of Pais (2001). As for the multi-methodological approach to conducting the research, we adopt the Qualitative Research and the Ethnographic Research of Cameron (1992) and Denzin and Lincoln (2006). It is hoped that proposal promotes a critical awareness of academic practices and literacy in order to foster the construction of inter-knowledge and the creative agency of researchers, teachers and students.

Keywords: *Biographical narrative. Creative data generation. Reflective research. Literacy. Critical Discourse Analysis. Postmodern Science.*

Recebido em: outubro 2018
Aceito em: novembro 2018
[DOI 10.26512/les.v19i3.17721](https://doi.org/10.26512/les.v19i3.17721)

INTRODUÇÃO

Antes de tudo, cumpre elucidar que, na tecitura deste texto, aqui e ali, há a tentativa – ainda que tímida, dada a consciência dos constrangimentos – do “desencaixar”, do subverter os modelos/limites canônicos como modo de resistência. Tal subversão busca garantir, em alguma medida, coerência com a proposta que questiona, sobretudo, os letramentos dominantes e o paradigma dominante do fazer científico, no dizer, respectivamente, de Street (1995) e de Santos (2008).

Isso posto, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de transgressão, de desencaixe, por assim dizer, de uma estratégia de geração de dados desencaixada que compõe o conjunto de estratégias de geração de dados que desenhei para o trabalho de campo etnográfico de minha pesquisa de doutoramento, como também analisar a sua aplicação em um espaço diferente do contexto de origem, qual seja, o de formação docente do Projeto Mulheres Inspiradoras.

Destarte, ao que chamo de estratégia de geração de dados “desencaixada” respalda-se – ainda que, à primeira vista, possa parecer paradoxal – em quatro pilares fundamentais, a saber, primeiramente, na abordagem dos Novos Estudos do Letramento, o NEL, que problematiza a naturalização das classificações e formas sociais correntes, evidenciando os modos e formações ideológicas e discursivas por meio das quais são produzidas e como são reproduzidas contra formas concorrentes (STREET, 1995); em segundo, na proposta da Consciência Linguística Crítica, a CLC (CLARK et al., 1996) que rejeita o isolamento do conhecimento e considera que a linguagem e seus usos devem ser levados em conta nos processos formais de construção do conhecimento e orientados para a construção de uma conscientização crítica do mundo e das possibilidades para mudá-lo; em terceiro, nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica, a ADC, proposta por Fairclough (2001, 2003), que concebe a linguagem como constitutiva e constituinte da realidade social e, por último, na

proposição de Santos (2008, 2011) da ecologia de saberes que, por sua vez, funda-se no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos em interações sustentáveis e dinâmicas e, por conseguinte, na concepção de conhecimento como interconhecimento.

Esse aparente paradoxo de estratégia de geração de dados desencaixada que se alicerça em pilares basais encontra amparo e consonância na “heterodoxia controlada”³ cunhada por Lopes (1996) e na perspectiva pós-linear de investigação de narrativas de vida proposto por Pais (2001) ao postular uma sociologia pós-linear⁴. Aquela refere-se à proposição “de abrir vasos comunicantes entre *corpus* teóricos com a possibilidade de complementaridade crítica, controle e enriquecimento mútuo” (LOPES, 1996, p. 33); este assume que, nos tempos correntes, as estruturas sociais são crescentemente “labirínticas”, por isso a vida é feita de “descontinuidades”, de “movimentos oscilatórios, não lineares”, logo, para dar conta da complexidade das narrativas de vida é preciso valer-se de métodos pós-lineares de investigação e análise. (PAIS, 2001)

Cumpre, pois, elucidar o que trato por “estratégia de geração de dados ‘desencaixada’”. Na tentativa de melhor representar, nomear a proposta em tela, recorri a metáfora do “desencaixe”, no sentido de “tirar da caixa”, mais que isso, do “livrar do encaixe”, do “libertar” a complexidade da realidade investigada dos “formatos”, por vezes excessivamente restritos e restritivos, de instrumentos há tanto pré-moldados. A metáfora do “desencaixe”, penso, nomeia apropriada e expressivamente o movimento de propor uma configuração outra, que não a dos tão conhecidos e seguros limites e moldes lineares, por muitos cultuados, dos modos e meios do fazer pesquisa, especificamente, do gerar dados de pesquisa a exemplo dos questionários e roteiros diretivos. Em outras palavras, a proposta de estratégia desencaixada busca promover práticas e eventos em que os participantes e pesquisador/a pensem juntos sobre a complexidade do problema em questão e sobre o próprio processo do fazer pesquisa, já que o que orienta esse processo precisa ser o fazer com e para o/a participante e não sobre ele/a.

Assim, “a palavra de ordem”, ou melhor, o convite é “dar ouvidos” ao que têm a dizer os atores sociais sobre a pluralidade e a complexidade que envolve o problema investigado, segundo suas perspectivas, necessidades, anseios, desejos e crenças e também sobre o processo de pesquisa. Dar ouvidos, nessa proposta, significa alcançar sentidos muito além do que permite o caminho restrito – potencialmente limitado e limitador, a exemplo dos roteiros de pergunta e resposta – do pesquisar sobre. O convite é, pois, fazer pesquisa com e para os participantes – eis o desencaixe.

³ Cf. seção 2

⁴ Cr. Seção 2

Desse modo, para a investigação reflexiva⁵ que empreendo, desenhei como uma das estratégias de geração de dados oficinas de leitura e produção de textos e laboratórios de textos que favorecessem visibilidade às vozes dos participantes, que encorajassem sua expressão própria e contemplassem suas narrativas. Entre essas estratégias desencaixadas, ocupar-se-á esse trabalho de uma das propostas de narrativa de cunho biográfico que elaborei, a que intitulei “Carta de algum lugar do futuro”. Isso porque tive a satisfação de acompanhar sua aplicação, em 2017, à ação de formação docente do Projeto Mulheres Inspiradoras no âmbito da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Destarte, recebi a grata incumbência⁶ de analisar à luz da ADC algumas das cartas produzidas naquele contexto.

1. OS PILARES FUNDAMENTAIS EM INTER(AÇÕES) DINÂMICAS E SUSTENTÁVEIS

A abordagem dos Novos Estudos do Letramento – NEL rejeita a visão dominante de letramento como uma habilidade “neutra” e técnica e o concebe como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas específicos (STREET, 1993a, 1993b; GEE, 1990).

Assim, como bem assinala Street (1995, p. 16), “a linguagem ‘neutra’ da ciência ‘objetiva’ dissimula interesses políticos e econômicos”, o que é corroborado pelos demais estudiosos chamados aqui ao diálogo, de modo especial, por Boaventura Santos. Concebe-se, assim, uma visão social da linguagem e, por conseguinte, enfatiza-se a natureza social do letramento e o caráter múltiplo das práticas de letramento. Logo, essa perspectiva contrapõe-se a “Letramento” – com “L” maiúsculo, único e monolítico – e assume “letramentos”.

Destarte, alerta Street (1995) que concepções dominantes de letramento tanto em casa como na escola são construídas e reproduzidas de tal maneira a marginalizar as alternativas e a controlar os aspectos cruciais de linguagem e pensamento (STREET, 1995, p. 106). Desse modo, estudos das práticas de letramento devem, necessariamente, começar com uma agenda diferente, conceitualizar e investigar de modo diferente as relações entre língua, letramento e sociedade.

Corroborando essa orientação, Asad (1980 apud STREET, 1995, p. 16) advoga que os trabalhos de investigação deveriam questionar não “os significados essenciais” de uma dada cultura,

⁵ Propõem Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60/66), com base em Bhaskar (1986), o enquadre da crítica explanatória a pesquisas em ADC. Tal enquadre é composto de cinco passos, o último deles corresponde a uma reflexão sobre a análise, sobre as possibilidades e constrangimentos da realidade investigada, mas também do processo do fazer pesquisa. Nessa perspectiva, defendo que toda pesquisa crítica deve ser reflexiva a fim de conferir coerência entre as fases epistemológica e metodológica e correspondência com a complexidade ontológica.

⁶ Na seção 3, apresento o contexto em que se deu a “grata incumbência” que resultou neste texto.

mas como significados específicos reivindicam autoridade contra significados concorrentes e como estes ficam marginalizados.

Assim, amplo ao tempo que focalizo tal proposição, à presente investigação importa questionar os letramentos dominantes no espaço acadêmico. Designadamente, importa questionar, pois, os letramentos recorrentemente reproduzidos nas práticas investigativas de geração de dados para subvertê-los, propondo práticas “desencaixadas” como forma de resistência e de promoção de rupturas ao controle de “aspectos cruciais de linguagem e pensamento” e às forças dominantes e colonizadoras, tão próprias das ciências “neutras” e “objetivas”, como denuncia Street (1995, p. 106).

Convergentemente, a Consciência Linguística Crítica, que foca o processo de educação formal, considera que é preciso desvelar o que subjaz a aparente neutralidade e transparência dos textos e das redes de práticas que constituem a prática escolar. Clarck et al. (1996) sustentam que é preciso evidenciar que os usos da linguagem e as práticas sociais em que se realizam esses usos se dão numa dada “ordem sociolinguística”, ou seja, numa ordem criada socialmente, por isso passível de mudanças.

Salientam os autores que a escola, como esfera pública, deve favorecer a construção da consciência crítica dos aprendizes a fim de que percebam que os atores sociais são posicionados no discurso, que relações assimétricas de poder e práticas exploratórias podem e devem ser transformadas por meio da luta social. Para eles há “uma relação dialética entre o crescimento de conscientização crítica e crescimento de capacidades de linguagem, a última alimentada pelas possibilidades abertas pela primeira” (CLARCK et al., 1996, p. 2)

O foco da proposta da CLC está na maneira em que o discurso é moldado pelas relações dominantes, já que seu objetivo precípuo é propiciar o desenvolvimento da consciência sobre como as pessoas estão posicionadas no discurso. Assim, denunciam os autores que “diferentes valorações sociais das variedades linguísticas e o molde ideológico da linguagem são ambos conquista e propriedade de quem mantém o poder em relações assimétricas”. (CLARCK et al., 1996, p. 42) Por essa razão, com o intuito de problematizar a aparente transparência e a autoevidência de um dado texto pela reconstrução dos processos subjacentes e valorativos geralmente “esquecidos”, eles distinguem convenções discursivas dominantes – das forças socialmente dominantes – e as convenções discursivas de oposição – das forças de oposição, as contra-hegemônicas. Propõem, então, que ao se analisar qualquer texto de qualquer gênero não se percam de vista questões como qual a fonte da convenção discursiva, se dominante ou de oposição e, sobretudo, os modos como as convenções se dão e/ou são articuladas, se são simplesmente seguidas, se aplicadas criativamente ou ainda contestadas.

Para os autores a consciência é uma condição necessária, mas não suficiente para a emancipação. A proposta da CLC considera que a transformação de relações e práticas sociais opressoras também exige ação, prática emancipatória em lutas sociais. Portanto para a CLC não é suficiente a crítica do que é. É também, pois, preciso engajar-se na criação do que poderia ser. Sustentam os autores que, ainda que se possa isolar analiticamente o discurso emancipador, ele é sempre apenas uma faceta de uma prática e de uma luta social mais amplas.

Desse modo, a proposição de estratégias de geração de dados “desencaixadas” firma-se na CLC, visto que contesta as convenções dominantes e articula de modo criativo as convenções discursivas que propõe. Articulações essas, cumpre ressaltar, orientadas para a promoção da conscientização linguística crítica, tomando por base e contemplando as capacidades linguísticas e as experiências dos atores sociais envolvidos, conforme advogam os autores.

Destarte, como proposto pela CLC, a estratégia desencaixada pretende que o processo de fomentar possibilidades de experiência de leitura e produção de textos – que criativamente subvertam as convenções dominantes –, favoreça ao/à participante da pesquisa o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o mundo e uma postura reflexiva sobre possibilidades e constrangimentos à sua agência e à ação coletiva voltadas para efetivação de mudanças da realidade social.

Diante de todo o exposto, a Análise de Discurso Crítica, a ADC, com base em Fairclough (2001, 2003) e em Chouliaraki e Fairclough (1999), constitui-se um pilar imprescindível, visto que a ADC se ocupa de problemas sociais parcialmente discursivos. Assim, pretendo, pois, estudar o discursivo, mas também entender o não discursivo, ou seja, as potenciais relações que se estabelecem nas redes de práticas sociais, no tocante a este trabalho, no espaço de formação docente do Mulheres Inspiradoras.

Como evidenciado por Foucault (2005), o poder nas sociedades modernas é exercido por meio de práticas discursivas institucionalizadas. Assunção do vínculo entre discurso e poder e afirmação de que mudanças em práticas discursivas são indicativos de mudança social permite que se tenha a perspectiva para além dos mecanismos de reprodução. Encoraja, pois, a proposição de práticas acadêmicas “desencaixadas” que subvertam as convenções discursivas a serviço da manutenção de relações assimétricas e excludentes.

Assumindo que linguagem e sociedade estabelecem uma relação de tal ordem que uma é constitutiva e constituinte da outra, sustento que textos, como elementos de eventos sociais, têm efeitos causais, potencialmente produzem ou constroem mudanças (FAIRCLOUGH, 2003). Entretanto, tomando os pressupostos do realismo crítico, tais efeitos causais não ocorrem de modo

automático e tampouco regular ou linear, visto que são muitos os fatores, quer de constrangimentos quer de possibilidades, que podem ativar ou não tais efeitos causais.

À ADC importam, dessa relação de causalidade, os efeitos ideológicos – efeito de inculcar e sustentar ideologias. Por ideologia, assume-se a conceituação crítica de Thompson (1995), a saber, “produção de sentidos a serviço do poder”. Fairclough (2001) advoga, pois, que a análise textualmente orientada precisa possibilitar a análise social, de modo a considerar os textos nos termos de seus efeitos nas relações de poder e dominação.

No diálogo que ampliou e estreitou entre a Linguística Sistêmico-Funcional e a Análise de Discurso Crítica, Fairclough (2003, p. 37) propõe a associação dos conceitos de gêneros, discursos e estilos – modos relativamente estáveis de ação discursiva, de representação discursiva e de identificação discursiva, respectivamente, aos significados acional, representacional e identificacional. Esses conceitos são simultaneamente discursivos e sociais.

Desse modo, no tocante à estratégia de geração de dados desencaixada em tela, que consiste na produção de uma carta, o trabalho está, pois, focando no significado acional de textos que é relacionado ao conceito de gênero – maneiras relativamente estáveis de ação e interação discursivas. Sem, entretanto, ignorar os outros dois significados, sobretudo o representacional, que se relaciona ao conceito de discurso – modos de representar aspectos do mundo. Isso porque Gêneros/Ação não estão separados de Estilos/Identificação e de Discursos/Representação.

Assim, cumpre, dada a relevância, retomar, agora na perspectiva de Santos (2008), duas questões centrais à ADC, quais sejam, as forças e as relações de poder exercidas, sustentadas, reproduzidas por meio da linguagem. O autor questiona a contribuição de todo o conhecimento científico acumulado para o enriquecimento ou o empobrecimento de nossas vidas e evidencia a arbitrariedade no exercício de poder da ciência ao estigmatizar como vulgar irrelevante, ilusório e falso o conhecimento que nós, atores sociais individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas (SANTOS, 2008, p. 18).

Segundo Santos (2008, p. 21), o modelo global de racionalidade científica vigente a partir do século XIX – o paradigma dominante – admite variedade interna, mas se distingue e se defende, por meio de “fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos.” O autor assinala que tal modelo por ser global é também totalitário, visto que nega “o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem.” (SANTOS, 2008, p. 30)

Analisa o autor que as “leis da ciência moderna são um tipo de causa formal que privilegia *o como* funciona das coisas em detrimento de *qual o agente ou qual o fim* das coisas. É por esta via que o conhecimento científico rompe com o conhecimento do senso comum.” Isso porque, na ciência a causa formal obtém-se com a expulsão da intenção, já no conhecimento prático que se traduz do senso comum, causa e intenção convivem sem conflitos. (SANTOS, 2008, p. 32)

Desse modo, postula Santos (2008, p. 40) que uma pluralidade de condições sociais e teóricas levou à crise do paradigma dominante, que avalia como não só profunda, mas irreversível. Assim, evidencia que a fronteira estabelecida entre o estudo do ser humano e o estudo da natureza acaba por ser prisioneira do reconhecimento da prioridade cognitiva das ciências naturais, pois, se, de um lado, se recusam os condicionantes biológicos do comportamento humano, do outro, usam-se argumentos biológicos para fixar a especificidade do ser humano. Segundo sua análise, vivemos um período de revolução científica que se iniciou com Einstein e a mecânica quântica e não se sabe ainda quando acabará. Para ele, deste período revolucionário, ainda que os sinais permitam apenas especulações, emergirá um outro paradigma científico, entretanto, destaca, pode-se afirmar com segurança que as distinções básicas em que se assenta o paradigma dominante colapsarão.

Assinala Santos (2008, p. 49) que o contexto da crise do paradigma dominante tem propiciado uma profunda reflexão epistemológica sobre o conhecimento científico e uma das facetas dessa reflexão abrange questões antes deixadas aos sociólogos, a saber, a “análise das condições sociais, dos contextos culturais, dos modelos organizacionais da investigação científica, antes acantonada no campo separado e estanque da sociologia da ciência, passou a ocupar papel de relevo na reflexão epistemológica.”

Outra faceta dessa reflexão diz respeito ao conteúdo do conhecimento científico moderno que, por ser um conhecimento mínimo que desconsidera muitos outros saberes sobre o mundo, é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num interlocutor terrivelmente estúpido. “O rigor científico, porque fundado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objetivar os fenômenos, os objetualiza e os degrada, que, ao caracterizar os fenômenos, os caricaturiza.” (SANTOS, 2008, p. 53-54).

Todo esse contexto, conforme postulado por Santos (2008, p. 58), anuncia, ainda que pela via da especulação, a “busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens onde o otimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde finalmente o conhecimento volte a ser uma aventura encantada”, anuncia-se, pois, o perfil do paradigma emergente. Destarte, Boaventura Santos, então, propõe o “do paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente.” Ele postula que o conhecimento do paradigma emergente tende a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias, até há pouco

consideradas insubstituíveis, quais sejam, natureza/ cultura, natural/artificial, mente/ matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa. (SANTOS, 2008, p. 61)

Na ciência pós-moderna, assevera Santos (2008, p. 72), sobretudo nas ciências sociais, que são assumidamente analógicas, que resistem à separação sujeito/objeto e preferem a compreensão do mundo à sua manipulação, figurarão a analogia textual, a lúdica, a dramática e ainda a analogia biográfica entre “as categorias matriciais do paradigma emergente: o mundo, que hoje é natural ou social e amanhã será ambos, visto como um texto, como um jogo, como um palco ou ainda como uma autobiografia.”

Valendo-se de analogias, ou metáforas como propõe a ADC, o autor arremata

Cada uma destas analogias desvela uma ponta do mundo. A nudez total, que será sempre a de quem se vê no que vê, resultará das configurações de analogias que soubermos imaginar: afinal, o jogo pressupõe um palco, o palco exercita-se com um texto e o texto é a autobiografia do seu autor. Jogo, palco, texto ou biografia, o mundo é comunicação e por isso a lógica existencial da ciência pós-moderna é promover a "situação comunicativa" tal como Habermas a concebe. (...) não se trata de uma amálgama de sentido (que não seria sentido, mas ruído), mas antes de interações e de intertextualidades organizadas em torno de projetos locais de conhecimento indiviso. (SANTOS, 2008, p. 73)

Se a ciência moderna “faz do cientista um ignorante especializado faz do cidadão comum um ignorante generalizado”, as ciências pós-modernas consideram que “nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional.” Assim, o cientista pós-moderno é chamado a dialogar com outras formas de conhecimento, entre as quais, a mais importante de todas: o conhecimento do senso comum, que é por meio do qual, no cotidiano, orientamos nossas ações e damos sentido à nossa vida. (SANTOS, 2008, p. 88)

Como bem avalia o autor, por estarmos numa fase de transição, nossa reflexão epistemológica é muito mais avançada e sofisticada que a nossa prática científica. Desse modo, nossas empreitadas investigativas não correspondem inteiramente ao paradigma emergente, mas movimentarmo-nos nessa direção, na direção de um conhecimento prudente para uma vida decente é uma exigência ética do próprio fazer acadêmico comprometido com a mudança como o são os construtos que formam os pilares que alicerçam a proposta em tela neste trabalho.

2. AS ESCOLHAS E O PERCURSO METODOLÓGICO PARA A PROPOSTA DE DESENCAIXE

Ressalta Santos (2008, p. 76-77) que a fragmentação pós-moderna não é disciplinar, mas temática. Os temas são, pois, galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos

outros. Assim, à medida que o seu objeto se amplia o conhecimento avança, tal como a ampliação de uma árvore, que se realiza pela diferenciação e pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces. “Um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada.”

Logo, como assinala Street (1995, p. 123), uma questão crucial para pesquisas discursivas comprometidas com a mudança social configura-se: “como a afirmação de autoridade e a alocação dos participantes em papéis e relacionamentos específicos se inscrevem em eventos e práticas de letramento particulares.”

Assim, dada à complexidade da realidade social e a discussão proposta na fundamentação teórica, a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico e perspectiva crítica configura-se como uma orientação metodológica obrigatória para a pesquisa proposta, mais que isso, uma exigência ética. Convergentemente, defendem Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 61) que a pesquisa analítica do discurso deve ser considerada como apenas um aspecto da pesquisa em práticas sociais, deve, pois, trabalhar integrada a outros métodos científicos sociais, sobretudo, à etnografia. Advertem que “às vezes pode ser muito difícil ‘reconstruir’ a prática em que um discurso está localizado e conseguir o sentido apropriado de como o discurso figura nessa prática.”

A pesquisa qualitativa de cunho etnográfico e perspectiva crítica envolve, pois, uma abordagem naturalista, interpretativa sobre e para o mundo, o que, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), significa que o pesquisador estuda – não apenas “sobre” e “para”, mas estuda “com” os participantes o problema – a questão de pesquisa “em seus cenários naturais”, a fim de entender e interpretar os fenômenos a partir dos significados que as pessoas conferem a eles, configurando-se, assim, uma pesquisa fortalecedora, conforme propõe Cameron (1992).

A pesquisa fortalecedora proposta por Cameron (1992) estabelece diálogo profícuo com objetivo precípuo do pesquisador das ciências sociais defendido por Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a saber, “relacionar a pesquisa qualitativa às esperanças, às necessidades, aos objetivos e às promessas de uma sociedade democrática livre.” Diálogo que encontra consonância também em Santos (2008, p. 78), para quem “só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica.”

Destarte, como já evidenciado acima, este trabalho ocupa-se de apresentar uma proposta de transgressão, de desencaixe, ou seja, de uma estratégia de geração de dados desencaixada que compõe o conjunto estratégias de geração de dados que desenhei para o trabalho de campo etnográfico de

minha pesquisa de doutoramento, como também analisar a sua aplicação em um espaço diferente do contexto de origem, qual seja, o de formação docente do Projeto Mulheres Inspiradoras.

Entretanto, como já mencionado, por mais paradoxal que possa parecer, a proposição de uma estratégia de geração de dados desencaixada se alicerça em pilares basais. Tal proposta encontra amparo e consonância na “heterodoxia controlada” cunhada por Lopes (1996) e na perspectiva pós-linear de investigação de narrativas de vida proposto por Pais (2001) ao postular uma sociologia pós-linear.

Assim, a “heterodoxia controlada” consiste no movimento epistemológico de interseções ou “interpenetrações” entre abordagens, no dizer de Lopes (1996, p. 33), de “imbricações entre *corpus* teóricos abertos a comunicação com outras propostas, ainda que parcialmente descoincidentes”. Segundo o autor, é precisamente o grau de abertura de uma dada abordagem, quer teórica quer metodológica, que a torna mais ou menos fecunda heurísticamente e que possibilita maiores ou menores saltos na sua capacidade de interpretação e análise da realidade.

Defende Lopes (1996, p. 33) que “mais do que a ‘reprodução ativa’ dos produtos teóricos disponíveis ao investigador (...), importa abrir vasos comunicantes entre *corpus* teóricos com a possibilidade de complementaridade crítica, controle e enriquecimento mútuo.” A proposição da estratégia de desencaixe alicerçada por pilares epistemológicos que se imbricam nessa sustentação, ou seja, essa heterodoxia controlada ao tempo que sustenta tal proposição também se afirma, reafirma e confirma o caráter fecundo dos constructos e pressupostos teóricos e metodológicos aqui chamados ao diálogo em seu potencial de “abrir vasos comunicantes” para a construção de “conhecimento prudente para uma vida decente”.

Quanto à perspectiva de investigação pós-linear de narrativas de vida, cabe, sucintamente, destacar que Pais (2001) entende que o estudo das trajetórias de vida tem de superar o método linear de análise. O autor assinala que, nos tempos correntes, as estruturas sociais são crescentemente “labirínticas”, logo a vida é feita de “movimentos oscilatórios”, de “descontinuidades”, de “saltos”, de rupturas mesmo. Sentencia o autor que “Tão importante são os eventos sincrônicos da vida quanto os assincrônicos. Os eventos jogam com temporalidades múltiplas que não se encaixam num processo de linearidade. (PAIS, 2001, p. 85).

As representações do tempo constroem-se recorrentemente em torno da linearidade – o tempo contínuo “da flecha” que permite prever o futuro em função do presente e do passado – e da ciclicidade – o tempo das repetições cíclicas, que cristaliza e resiste a mudanças. Entretanto, como bom salienta o autor, nos tempos que correm, as setas do tempo se cruzam com o tempo cíclico. Os tempos são “zigzagueantes e velozes (...) tempos fortes cruzam-se com tempos fracos, em ambos, vivem-se os contratempos.” (PAIS, 2001, p. 63)

Sugere Koselleck (2006) que a problemática do tempo consiste em compreendermos como as experiências impactam a expectativas, ou seja, como “os campos de experiência” reflete “os horizontes de espera”. A relação que atores e/ou grupos sociais estabelecem entre ambos se caracteriza como um tempo histórico. A tensão entre a experiência e a espera em que vivem as sociedades pós-modernas leva, sobretudo, os jovens a adotarem estratégias defensivas, como a ampliação do espaço da experiência que é o do cotidiano.

Todavia, como adverte Pais (2001, p. 66), nas rotas do cotidiano as rotinas cruzam-se com as rupturas, configuram-se rotas de desvios múltiplos. Assinala o autor que o que um participante da pesquisa nos conta de suas experiências “são contas de um rosário vasto (...) rosário de vida cuja história se encontra ligada a outras vidas.” Assim, no trabalho de investigação e análise, é preciso considerar o rosário de enredos cruzados “a favor da interconectividade entre fatos, modos e tempos.” Defende o autor que, como não há experiência isolada é preciso também contextualizar, cada passagem de vida deve ser vista em interconectividade com experiências passadas e expectativas futuras, com acontecimentos de um aqui e agora e de um ali e outrora. (PAIS, 2001, p. 78)

Por não se constituírem, nos tempos correntes, as histórias de vida de trajetórias lineares, segundo Pais (2001, p. 72/84/86), impõe-se pensar em métodos de investigação e de análise pós-lineares que dê conta das rupturas de vida – vividas ou relatadas, já que as memórias são seletivas e afetivas, não constituem um registro neutro do que evocam – e contemplem tal complexidade de sua fragmentalidade. São tão importantes os alinhamentos de vida quanto os seus desalinhamentos, são igualmente relevantes as lienações de vida e as alienações.

Destarte, pautada por essa perspectiva pós-linear, a estratégia de geração de dados desencaixada consiste na proposição de uma narrativa de cunho biográfico cujo gênero textual escolhido fora a carta pessoal. Assim, já o título da proposta “Carta de algum lugar do futuro” anuncia o convite à transgressão, ao desencaixe, visto que – valho-me da metáfora da brincadeira, do lúdico – “brinca” com os conceitos de tempo e espaço a fim de inserir os participantes da pesquisa em uma prática reflexiva, por isso significativa. Assim, aos participantes é propiciado, por meio do encorajamento à autonomia linguística e discursiva, o fomento da consciência linguística crítica sobre as práticas e os letramentos de que tomam parte, sobre si, sua história, sua agência e suas narrativas, sobre o mundo e sobre as possibilidades de mudá-lo.

Para tanto, o enunciado da proposta chama o participante a, em movimentos não lineares, “viajar no tempo-espaço” e o convida a redigir uma carta, “mas não é uma carta qualquer, nela, o ‘eu do futuro’ escreve para o ‘eu do passado’” e assim trava um diálogo consigo mesmo, com seus muitos ‘eus’ – navegando por diferentes ‘espaços no tempo’ – passado, presente, futuro –, a serem criativamente entrelaçados na trama textual, tomando como fio condutor as reminiscências e

memórias biográficas e as projeções e os projetos do por vir, mas passando necessariamente pela trajetória acadêmica. É, então, sugerido um itinerário não linear potencialmente provocativo e reflexivo de momentos e temas a serem contemplados no enredo do texto, que pode e deve ser subvertido e ampliado à medida que o autor exercita sua autonomia linguístico-discursiva e a reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo.

Cumprido salientar que cada realidade investigada exige a elaboração de um itinerário próprio que esteja em consonância, sobretudo, com o problema investigado e, por conseguinte, com as questões de pesquisa e com os objetivos perseguidos. Assim, dado o contexto de uma ação formativa a professoras/es da rede pública do Distrito Federal focada nas diretrizes do Projeto Mulheres Inspiradoras, foi proposto um itinerário⁷ que, orientado por uma perspectiva pós-linear e reflexiva, pretendia não só acessar as representações e avaliações sobre o evento formativo em si, mas também favorecer a experiencição da reflexão de si mesmo/a, de seus medos, desejos, crenças e expectativas, de suas práticas docentes, das múltiplas posições assumidas nas práticas sociais de diferentes contextos, enfim, de sua agência no mundo e para o mundo.

3. A APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE GERAÇÃO DE DADOS DESENCAIXADA – NO CONTEXTO DE FORMAÇÃO DOCENTE DO PROJETO MULHERES INSPIRADORAS

Quando duas amigas da vida e parceiras de luta – as Professoras Valéria Borges Vieira e Gina Ponte de Albuquerque, ambas docentes da rede pública do Distrito Federal e colegas pesquisadoras do Grupo de Pesquisa “Identidade na Pós-Modernidade – escrita criativa e consciência linguística crítica: estudos em análise de discurso crítica” coordenado pela Profa. Dra. Juliana de Freitas Dias e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, consultaram-me sobre a possibilidade de aplicação da estratégia desencaixada da Carta ao momento

⁷ A título ilustrativo, apresenta-se a proposta da carta para a ação formativa do Mulheres Inspiradora: Então, entre muitas coisas que você deseja tratar (recordações, recados, dicas), nessa carta, você necessariamente rememorar momentos importantes desse percurso formativo até chegar ao “eu” de hoje, pós formação, que são:

A) “Alguns antes” – no período de decisão sobre participar ou não do programa (O que fez você decidir participar? Quais eram as expectativas, os medos ou dúvidas mais importantes desse período? Como o “eu” de hoje olha para esse “eu” do passado? O que o “eu” de hoje poderia dizer para aquele “eu”, agora que a formação já é uma realidade?)

B) O momento da confirmação de sua participação no programa (O que sentiu? Com quem partilhou a notícia primeiro? Por quê?)

C) O primeiro dia da formação (Como foi?? O que sentiu?? Expectativas, medos, projetos... Como o “eu” pós-formação (o de hoje) percebe esse dia? O que pode falar para aquele “eu” do passado sobre o que viria depois?)

D) Os momentos da formação (que momentos você gostaria de rememorar? Quais foram mais transformadores ou mais desafiadores? Quais foram mais difíceis para você? Entre os trabalhos propostos houve fragilidades, equívocos (de ordem conceitual, metodológica, avaliativa) para os quais você proporia mudanças (quais?)? Por fim, quais momentos melhor dialogaram (ou não) com sua identidade de professor/a?

avaliativo da formação docente que conduziam no âmbito do Mulheres Inspiradoras, é preciso confessar, fui tomada por um sentimento mesclado de satisfação e de preocupação.

Eu havia desenhado um conjunto de estratégias de geração de dados que se voltava para a proposta de investigação reflexiva, para o problema social parcialmente discursivo que investigo – cujo foco são as representações discursivas das práticas sociais e dos letramentos concernentes ao sistema de cotas sociais para ingresso nas instituições públicas de ensino superior brasileiras – e, assim, perseguiram os objetivos traçados e intentavam buscar respostas para as questões de pesquisa levantadas. Logo, seria possível e exitoso aplicá-la a outra realidade, a outro contexto de pesquisa? A proposta teria potencial de replicabilidade? Valéria, Gina e a Professora Juliana apostaram que sim. Então redesenhamos o itinerário da proposta de produção textual a fim de contemplar aquela outra realidade.

Destarte, recebi de presente a grata incumbência de tecer algumas análises de sua aplicação. Espero estar a retribuir a altura. Recebi 7 (sete) cartas separadas aleatoriamente do conjunto de textos recolhidos pelas professoras Gina e Valéria no momento de avaliação que promoveram ao final da formação.

Dados os limites deste texto, escolhi apresentar um recorte de uma dessas cartas, a de Laura,⁸ e realizar algumas análises das representações discursivas materializadas no texto a fim de tecer reflexões numa tentativa de dialogar com a autora. Cumpre elucidar que o texto fora dividido em 9 (nove) movimentos retóricos – relativo ao significado acional –, dos quais, aqui, apresento 3 (três), respeitando-se a tessitura construída por Laura e, na medida do possível, entrecruzando as representações realizadas e reatualizadas nos diferentes movimentos.

Por oportuno, cumpre apresentar a conceituação de movimento retórico, segundo Ramalho e Resende (2011, p. 128):

Movimentos retóricos ou esforços retóricos são esforços discursivos, com o propósito particular pontual, que serve aos propósitos globais do gênero. Distribuem-se em textos, de maneira não sequencial e não obrigatória, de acordo com as diferentes funções retóricas a serem desempenhadas. Cada movimento retórico possui funções específicas e recursos microestruturais para desempenhá-las.

Essa concepção mais flexível de organização dos gêneros e de seus propósitos, mostra-se especialmente útil ao texto em análise, uma carta. É útil por seu caráter funcional, visto que é, por assim dizer, um momento ou movimento que atende a uma função precípua específica que se articula com as funções globais do texto. Não se confunde, pois, com os aspectos formais de um dado gênero – sentenças, parágrafo – ou a eles se limita. Justamente, por essa razão, como o gênero carta apresenta

⁸ Codinome a fim de preservar a identidade da autora da carta.

elementos “estruturais” bastante fixos, por isso ordenados e previsíveis, abordar tal gênero em termos da estrutura genérica seria insuficiente, pois os propósitos pontuais que servem aos globais possivelmente não seriam sequer acessados. Em outras palavras, a noção de movimentos retóricos mostra-se fértil, uma vez que a análise textualmente orientada precisa possibilitar a análise social, de modo a considerar os textos nos termos de seus efeitos nas relações de poder e dominação, como já abordado.

3.1 Um recorte da Carta de Laura “do eu de hoje para o eu de ontem” – Uma Análise Discursiva Textualmente Orientada

Eis, como já evidenciado um recorte da carta de Laura estruturada em movimentos retóricos – conforme propus –, os quais, respeitando a tessitura da autora, seguem identificados pela ordem em que foram urdidos – movimentos 1, 6 e 9 – e algumas das análises do que consegui acessar.

3.1.1 A viagem no tempo e a inscrição – movimento 1

*Querida Laura (que já passou mas ainda vive em mim),
Sei que quando você decidiu fazer a inscrição para participar da seleção do Programa de Ampliação de Abrangência do Projeto Mulheres Inspiradoras agiu por um impulso, movida apenas pelo desejo e pouco pensando nas condições práticas de integrar esse curso, uma vez que sua vida estava uma bagunça. Não fosse o convite, no dia anterior ao último do de inscrição, feito pela própria Gina em uma mensagem nas redes sociais, você não teria tido forças para enfrentar mais esse desafio, que na verdade consistiu em um verdadeiro presente da vida para você.*

O vocativo da carta, “Querida Laura (que já passou mas ainda vive em mim)”, para além do propósito esperado, segundo a estrutura genérica do texto, o de iniciar o diálogo entre os “eus” (do hoje e do passado), serve ao propósito pontual de engajar-se na proposta textual da “viagem no tempo”, o que se realiza criativamente.

O corpo da carta inicia-se realizando a representação do contexto da inscrição e evidencia uma questão que se fará presença constante nos demais movimentos retóricos, a saber, uma preocupação com o tempo, “agiu por um impulso, movida apenas pelo desejo”, “no dia anterior ao último do de inscrição”, ou melhor, com a falta de tempo “pouco pensando nas condições práticas de integrar esse curso, uma vez que sua vida estava uma bagunça”, diante da rotina “cheia de demandas” – como textualiza no movimento retórico seguinte.

Conclui-se esse movimento com a representação do curso, da formação como “desafio” e “verdadeiro presente da vida para você” ao fazê-lo por meio de tais escolhas lexicais realiza também uma avaliação positiva sobre a ação formativa que, pressupostamente, no campo do *irrealis*,

“enfrentar mais esse desafio” se anuncia e, no campo do *realis*, “consistiu em um verdadeiro presente da vida” se confirma positiva.

3.1.2 *Representação do processo de produção textual como o momento mais importante da formação – movimento 6*

Um dos momentos mais importantes e significativos para você foi, sem sombra de dúvidas, a escrita do memorial de vida, que a colocou em meditação profunda com seu percurso acadêmico e profissional, sem falar de suas escolhas existenciais, uma vez que pensar em mulheres inspiradoras, no seu caso, é pensar no que te move, de modo geral, na vida como um todo.

No sexto movimento retórico, a autora imputa alto grau de engajamento ao que afirma “foi, sem sombra de dúvidas”, ao representar que “Um dos momentos mais importantes e significativos” do curso fora “a escrita do memorial de vida, que a colocou em meditação profunda com seu percurso acadêmico e profissional”. Nesse esforço discursivo, segue expressando o potencial reflexivo da produção textual em questão, uma narrativa de cunho biográfico, que, em sua representação e avaliação, teria ultrapassado o “acadêmico e profissional”, alcançando “suas escolhas existenciais, uma vez que pensar em mulheres inspiradoras, no seu caso, é pensar no que te move, de modo geral, na vida como um todo.” Assim, novamente, colocam-se indícios dos sistemas de crenças, valores e desejos com os quais a autora se identifica.

3.1.3 *Avaliação da formação e Sugestão – movimento 9*

Uma sugestão às próximas formações seria realizar a formação e implementação em dois anos, porque as ideias e os planos são muitos para se realizar em um ano só. Seria maravilhoso se houvesse a oportunidade de desenvolver os próprios materiais didáticos juntamente com a Gina, que faz isso tão bem! Colocar em prática tudo que foi aprendido em apenas dois bimestres não será fácil, mas a vontade/desejo de querer que dê certo será maior, tenho certeza que tudo ocorrerá como tem de ser. ;)

O movimento último do texto tem por tópico a grande demanda de Laura, que modaliza e apresenta como “Uma sugestão às próximas formações seria realizar a formação e implementação em dois anos, porque as ideias e os planos são muitos para se realizar em um ano só”. Reapresenta-se e reafirma-se, assim, “a questão” presente em todo o texto, qual seja, tempo versus demanda, o tempo da experiência e o da expectativa.

Ao realizar a previsão de “Colocar em prática tudo que foi aprendido em apenas dois bimestres não será fácil”, ainda que expresse “a vontade/desejo de querer que dê certo será maior, tenho certeza que tudo ocorrerá como tem de ser”, numa postura otimista e esperançosa, evidencia-se, novamente, a preocupação com equação tempo-demanda.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho buscou apresentar parte de uma proposta de investigação reflexiva, nomeadamente, a proposição de uma das estratégias de geração de dados desencaixada, bem como sua aplicação no contexto da ação formativa do “Projeto Mulheres Inspiradoras”, que se mostrou produtiva ao momento de avaliação do projeto.

Alicerçada pela CLC, a estratégia desencaixada pretende que o processo de fomentar possibilidades de experienciar leitura e produção de textos, que criativamente subvertam as convenções dominantes, favoreça ao/a participante da pesquisa uma consciência crítica sobre o mundo e uma postura reflexiva sobre constrangimentos à sua agência e à ação coletiva e sobre possibilidades de efetivação de mudanças da realidade social.

A estratégia desencaixada, assim, busca promover práticas e eventos em que os participantes e pesquisador/a pensem juntos sobre a complexidade do problema em questão e sobre o próprio processo do fazer pesquisa, já que o que orienta esse processo precisa ser o fazer com e para o/a participante e não sobre ele/a.

Logo, o convite, a orientação é “dar ouvidos” ao que têm a dizer os atores sociais sobre a pluralidade e a complexidade que envolve o problema investigado, segundo suas perspectivas, necessidades, anseios, desejos e crenças e também sobre o processo de pesquisa. Para tanto, as práticas acadêmicas, entre as quais, as de formação docente, necessariamente, precisam ser espaços privilegiados de escuta, tal como sugerem as representações materializadas na carta de Laura ter sido o Projeto Mulheres Inspiradoras.

Ademais, a própria proposição da estratégia desencaixada – a produção da carta como um instrumento de avaliação daquele evento formativo – já aponta para essa orientação, ao “dar ouvidos” aos participantes a fim de alcançar sentidos para muito além do que permite o caminho restrito – potencialmente limitado e limitador – das convenções discursivas dominantes, a exemplo dos velhos questionários e roteiros de pergunta e resposta – do pesquisar sobre. Tal proposição levanta indícios de que o Mulheres Inspiradoras “atrevidamente, se aventura” – tomando de empréstimo as palavras de Laura –, a fazer pesquisa com e para os participantes na direção da ecologia dos saberes, do interconhecimento como advoga Santos (2011).

Isso porque a essa proposta importa questionar os letramentos dominantes no espaço da academia, nomeadamente, os letramentos recorrentemente reproduzidos nas práticas investigativas de geração de dados para subvertê-los, propondo práticas “desencaixadas” como forma de resistência e de promoção de rupturas ao controle de “aspectos cruciais de linguagem e pensamento” e às forças dominantes e colonizadoras, tão próprias das ciências ‘neutras’ e ‘objetivas’, como denuncia Street.

Isso posto, já no primeiro movimento retórico Laura representa o curso, a formação como “desafio” e “verdadeiro presente da vida para você” ao fazê-lo por meio de tais escolhas lexicais realiza também uma avaliação sobre a ação formativa que, pressupostamente, no campo do *irrealis*, “enfrentar mais esse desafio” se anuncia e, no campo do *realis*, “consistiu em um verdadeiro presente da vida” se confirma positiva. Avaliação sustentada nos demais esforços retóricos.

A autora, no sexto movimento retórico, imputa alto grau de engajamento ao que afirma “foi, sem sombra de dúvidas”, ao representa que “Um dos momentos mais importantes e significativos” do curso fora “a escrita do memorial de vida, que a colocou em meditação profunda com seu percurso acadêmico e profissional”. Esse esforço discursivo evidencia duplamente o potencial reflexivo da produção textual, pois alcança tanto o processo de produção representado no texto – o do memorial – e seus efeitos de sentido como o processo de produção da própria carta – o texto em análise.

Nesse movimento reflexivo, Laura expressa que os efeitos da produção do memorial teriam ultrapassado o “acadêmico e profissional” e alcançando “suas escolhas existenciais, uma vez que pensar em mulheres inspiradoras, no seu caso, é pensar no que te move, de modo geral, na vida como um todo.” Assim, como em outros esforços discursivos, apontam-se indícios dos sistemas de crenças, valores e desejos com os quais a autora se identifica.

O movimento último do texto retoma de forma, por assim dizer, paradoxalmente cabal e camuflada, a grande questão-problema da autora, que modaliza e apresenta, não como uma demanda, mas como sugestão: “Uma sugestão às próximas formações seria realizar a formação e implementação em dois anos, porque as ideias e os planos são muitos para se realizar em um ano só”. Reapresenta-se e reafirma-se, assim, “a questão” presente em todo o texto, qual seja, tempo versus demanda, a tensão que se estabelece entre os campos de experiência e os horizontes de espera, de que trata Koselleck (2006), que ora se cruzam, se chocam, promovem desvios múltiplos, saltos, no risco da ruptura e na promessa de convergência. São os tempos não lineares.

Ao realizar a previsão de “Colocar em prática tudo que foi aprendido em apenas dois bimestres não será fácil”, ainda que expresse “a vontade/desejo de querer que dê certo será maior, tenho certeza que tudo ocorrerá como tem de ser”, numa postura otimista e esperançosa, evidencia-se, novamente, a preocupação com equação tempo-demanda.

Desta preciosa carta levantam-se fortes indícios de que a(s) questão(ões) de Laura, não seja(m) somente dela, individual, mas de um coletivo. Sugerem indícios de constrangimentos à prática docente, à agência do intelectual que é o professor. Quais e de que ordem são esses constrangimentos? Qual a fonte e a abrangência? Como operam essas forças que constroem nos contextos sobrepostos? Esta carta aponta para um campo vasto e fértil para estudos e pesquisas crítico-discursivas orientadas para a mudança social.

Destarte, cumpre reiterar, ainda que nossas empreitadas investigativas não correspondam inteiramente ao paradigma emergente, como adverte Boaventura Santos, movimentarmos-nos na direção de um “conhecimento prudente para uma vida decente” é uma exigência ética do próprio fazer acadêmico comprometido com a mudança.

Por fim, por todas as Professoras Lauras, seus alunos e escolas que, como a autora da carta com a qual dialoguei, buscam e lutam “por um mundo mais diverso e sem opressão” é preciso que se investigue e se lance luz, entre outros aspectos e forças, às condições de trabalho a que estão submetidos os professores de educação básica neste país, sobretudo, os da escola pública. Espera-se, assim, que essa proposta suscite novas e muitas transgressões no e do fazer acadêmico, que instigue a consciência crítica sobre as práticas acadêmicas e os discursos do letramento a fim de fomentar a construção de interconhecimentos e favorecer a agência criativa de pesquisadores, professores e estudantes.

A Laura,

Que a demanda seja a da construção coletiva e o tempo, o da resistência criativa.

REFERÊNCIAS

- CAMERON, D. et al. **Researching Language Issues of Power and Method**. London: Routledge, 1992.
- CLARK, R. N. L. et al. Conscientização crítica da linguagem. **Trab. Ling. Apl.**, Campinas, n. 28, p. 37-57, jul. /dez.1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639265/6861>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Tradução. S.R.NETZ. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- KOSELLECK, R. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.
- LOPES, João Teixeira. **Tristes Escolas: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano**. Porto: Afrontamentos, 1996.
- PAIS, J. **Ganchos, tachos e biscates**. Jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.
- PAIS, J. **Analysing discourse**. Textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- RAMALHO, V; RESENDE. V. **Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2011.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, B. S. **A Universidade do Século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

STREET, B. **Social literacies**: Critical approaches to literacy in development, ethnography and education. Harlow: Longman, 1995.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna**. Tradução C.Grisci et al. Petrópolis: Vozes, 1995.